

### SUMMARIO

Texto: - Chronica, por Santilhana. - Os inventores ricos da Inglaterra e a riqueza do "Times", por Pinheiro Chagas .- A Consoladora, conto, trad. de D. Guiomar Torrezão. — Memorias prin-cipescas, por Castor. — Lydia, conto, trad. de Nazareth Chagas. | -Seena de familia.—Ondina.—José Vázquez Varella (o supposta auctor do crime da rua Fuencarral, de Madrid).

-As nossas gravuras. -D. Pedro e D. Miguel, por Marques Gomes.—Em familia (passatempos).—A rir.—Um conselho por semana. - Morta, soneto, por M. Luiz dos Santos. - O charuto, o cigarro e o cachimbo, por Alfredo Gallis.

Gravuras: - O castello de S. João da Foz. - Raphael Calvo.



## CHRONICA

No espirito enfermisso dos nossos conterrancos, continúa a fluctuar persistentemente a idéa do suicidio, o pensamento de abandonar a vida terrestre, a forte appetencia de conhecer os mundos ignotos e mysteriosos d'alem-tumulo.

Com o cahir das folhas, os desgostosos da existencia querem cahir tambem, misturando blasphemias ao cantochão entoado pela ventania do triste outono nas ramadas dos pinhei-

ros e no vertice dos cyprestes merencorios.

Bastou que um ou dois, mais corajosos, dessem o exemplo do desprendimento pelas coisas mundanas. Os outros, foram logo atraz, de tropel, como os carneiros de Panurgio, e não se passa um dia em que as gazetas linguareiras d'esta terra de desilludidos e de enfadados, não registrem dois casos, pelo menos, de tentativas de suicidio.

E a mania tende a alastrar, é contagiosa, é communicativa.

Leiam os jornaes da semana, e verão. Depois dos casos que na nossa ultima chronica apontámos, houve uma longa série d'elles.

Primeiro, um caixeiro de despachante, de 18 annos—uma creança—que ingeriu arsenico.

D'ali a pouco, no mesmo dia, um dourador, de sonhos pouco dourados, que disparou contra si varios tiros de rewolver.

Em seguida, uma rapariga de 17 abris apenas, que atirou comsigo da janella ao asphalto. Esta, não o fez por amor, ou coisa que o valha. Segundo rezam as choronicas do suicidio, tentou contra a vida, porque, quem lh'a dera—sua mãe—lhe havia também dado, com motivo ou sem elle... uma bofetada.

—Por tão pouco! dirão.

Por tão pouco, sim; pois que ha n'este mundo susceptibilidades muito finas e cutis muito melindrosas.

Marianna da Conceição, a tal sensitiva de 17 annos, preferiu morrer, a que mãos profanas tornassem a ferir-lhe as susceptibilidades e a enrubescer-lhe a cutis mimosissima.

Em verdade, esta Mariquinhas mal educada não merece que lhe cantem em verso heroico a façanha; merecia, sim, que a mão materna lhe cahisse com todo o peso dos seus cinco dedos na outra face.

Mas continuemos a lista.

Outro desalentado, outro aborrecido da vida, diluiu sal d'azedas em vinho branco,—uma beberragem de mil demonios—e vazou tudo aquillo no estomago, ingerindo em seguida, por causa das duvidas, tres garrafas de tinto do Termo.

Esse infeliz, morreu, por entre agonias dolorosissimas, n'u-

ma embriaguez ordinaria e estupida.

Varios suicidas houve ainda, uns que estão entregues aos cuidados medicos nas enfermarias dos hospitaes, outros, de que ninguem já se lembra, porque sobre elles cahiu a ultima pá de terra langada pelo coveiro indifferente.

Entre os ultimos, figura um pobre diabo de 50 annos, que se matou por não poder supportar o isolamento em que vivia! Era solteiro, filho das hervas, não tinha parentes, sobre tudo não ti-

nha sogra, e deu cabo de si, o pateta!

Por estar isolado! Como se n'este mundo, desde que se inventou o Diario de Noticias com annuncios de todos os generos

a vintem a linha, houvesse isolamente completo!

E' que aquelle idiota não tinha a noção pratica da vida. Encontrava-se sosinho? Começava a sentir invadir-lhe o corpo e a alma a frieza das longas noites de outono? Apavorava-o a solidão e o desconforto do lar, onde não havia quem pozesse a mesa e quem lhe aquecesse a alcova deserta? Pois recorresse ao annuncio salvador, ao annuncio das grandes crises, dos momentos graves e solemnes.

«Precisa-se de uma creada para casa de homem só.» E bastava isto. Cahia-lhe logo uma familia nos penates, e com a familia o entertenimento das noites incommensuravels de dezemhro, a lenha crepitando no fogio, o calor na alma a no corpo a toelha alvejundo na mesa sob o bas som a casa de sopa fumegante. Mas morrer porque se não póde supportar o isolamento, porque se está reduzido a uma especie de Robinson Crusoé n'esta ilha deserta de Lisboa, n'este desterro da cidade das sete collinas, é simplesmente uma tolice. E nos não comprehendemos tolices.

Entre todos estes suicidios não houve um so que fosse elegante, fora do commum, distanciado da vulgaridade réles affirmada no salto da janella abaixo, na ingestão do sal d'azedas com vinho barato, ou no disparar d'um rewolver, arma que perdeu todos os seus foros de distincção e de aristocracia, desde que a ralé dos caixeiros pelintras e dos bohemios sem cira nem beira começou a fazer d'ella um uso descomedido.

Assim como nenhum teve uma causa séria e respeitavel, d'estas que impressionam fortemente, que fazem palpitar de emoção profunda a alma popular, nenhum d'elles, também, teve o cunho de distincção e de elegancia que caracterisa os sui-

cidios de boa sociedade.

O arsenico! A droga vil com que destruimos os roedores damninhos!

O sal d'azedas! O producto chimico chinfrim e barato com

que apagamos as nodoas da tinta de escrever!

O salto descomposto á rua! A palliaçada ridicula e grotesca que desafia a gargalliada insultuosa dos garotos na hora extrema!

Tudo isto é baixo, miseravel, ordinario, burguez.

Quem assim se mata, merecia ser resuscitado, redivivo, para que depois, por castigo, o agoitassem na praça publica.

A morphina, eis a morte dulcissima que eu escolherei um dia, quando a vida me for um fardo pesadissimo, e quando as ultimas alegrias se apartarem, voando, da minha alma desilludida e sem luz. A morphina, ou o córte d'uma arteria, mergulhado n'um banho tepido, vendo correr o sangue até ás ultimas gottas, sentindo fugirem-me pouco a pouco as forças; morrer suavemente, tranquillamente, sem agonias, n'uma somnolencia doce, n'um sonho voluptuoso e encantador de que se não acorde mais...

Como isso deve ser bom, quando de bom se não espera já

mais nada na vida!

Tu has de morrer assim, ó doce amor que me les, que me escutas, que me comprehendes. Hasde morrer assim, commigo, n'um ultimo abraço que ninguem descerre.

Queres?

Olha que é suave, tão suave como um sonho d'amor. Perde-se pouco a pouco a consciencia, esvae-se-nos lentamente a vida, goza-se n'um minuto rapido aquillo que nunca se gozou em annos vagarosos e enormes...

Mas por emquanto, vivamos, e deixemos lá os desesperados, os desilludidos representarem, diante da multidão indifferente, a comedia do suicidio para rir.

Uns idiotas!

Não se lembram, estes imbecis, de que teem de morrer mais dia menos dia, prostrados pela fome e pela sede, se os marchantes em gréve lhes negarem as delicias d'um bife de cebolada, se os padeiros teimarem em não querer levantar-se para elles, á meia noite, e se o sr. Pinto Coelho faltar á fé dos contractos recentemente firmados com o paternal governo que nos rege.

Esperem que a fome aperte e que a sede os mate, miseraveis; e até lá, divirtam-se, comam-lhe, bebam-lhe. Se não poderem supportar o isolamento, se precisarem de companhia, arranjem-a, procurem-a. Se lhes derem uma bofetada, fiquemse com ella, que tambem Christo—e era Christo—se ficou, offerecendo a outra face á mão flagelladora e despiedosa.

SANTILHANA.

OS INVENTORES RICOS DA INGLATERRA E A RIQUEZA DO «TIMES»

d'essa magnifica monographia, mas das questões que ella maturalmente provoca, adiaremos ainda para o proximo numeo começo d'este estudo, e seguiremos agora mais uma vez o de Varigny na sua curiossissima historia da riqueza con-

! imporanea.

Os estudos de Varigny tecm sido seguidos em toda a Europal com o maximo interesse, e vimos com prazer, n'um dos ultimos numeros da Epoca, de Madrid, um estudo muito semelhante ao nosso, que tem por base também a obra de Varigny, e que põe em relevo tambem exactamente os mesmos topicos que nos pareceram mais interessantes. Por isso continuaremos estes estudos, que, decididamente, interessam o publico em toda e parte.

O ultimo artigo de Varigny occupa-se das enormes riquezas accumuladas por alguns dos inventores inglezes, e dos formidaveis capitaes que o Times tem sabido reunir. Antes d'isso, porém, recorre ao recenseamento dos rendimentos dos contribuintes inglezes do income-tax, recenseamento que julga muito inferior à verdade e que o leva a fazer a seguinte esta-

tistica:

Ha em Inglaterra 47:735 pessoas, que teem um rendimento variavel entre 1.800,3000 réis e 4.500,300 réis, 12:974 cujo rendimento varia entre 4.500\$000 e 9:000\$000, 3:861 entre 9:000\$000 e 13:500\$000, 1:774 entre 13:500\$000 e 18 contos, 1:018 entre 18 contos e 22:500\$000, 1:896 entre réis 22:500\$000 e 45 contos, 1:036 entre 45 contos e 225, 86 com um rendimento superior a 225 contos annuaes.

São muito inferiores as riquezas em França. Assim ha 21.453 pessoas que teem entre 2:880\$000 rs. e 5:760\$000 rs., 9.985 entre esta ultima somma e 12:600\$000 rs., entre esta somma e \$3:940\$000 rs., 3.049, entre esta somma e 47:8805000 rs.

ha 1.413, de rendimento superior a esta 421.

Na Allemanha não ha mais de 1.800 pessoas que tenham um rendimento superior a 22:5003000 rs., possuem 114 um rendimento superior a 37:8003000 rs., e apenas 34 teem mais

de 81 contos de rendimento.

Vamos porém ao assumpto especial de que nos occupamos. Entre os homens que na Inglaterra o talento inventivo enriqueren, figura sir Henry Bessemer, inventor do celebre aço que tem o seu nome. Em 1×31 chegou elle a Londres, absolutamente pobre, mas já cheio de inventos. Um d'esses inventos favorecia por tal forma os interesses da administração dos correios em inglaterra, que o director d'esse serviço offereceu ao inventor ou uma somma de 22:500\$000 rs. paga logo, ou o logar de superintendente dos sellos de correio, com 3:440\$000 rs. de ordenado annual. Bessemer acceitou o logar, mas o que é mais curioso é que, tendo inventado uma modificação que simplificave os meios de fiscalisação do governo, este acceitou-a, mas declarou que tornava inutil o logar de superintendente dos sellos, de fórma que, aproveitando o invento, nem pagou ao inventor, nem the deu o logar que the promettera. Bessemer indignou-se por tal fórma com esta deslealdade, que jurou nunca mais ter negocios com a administração ingleza.

Voltou então a sua attenção para os trabalhos metallurgicos, r a força de lidar, chegou, depois de varias peripecias que não contaremos, a construir o famoso aço Bessemer, em condições exrepcionaes de ligeireza, de barateza e de resistencia. Póde-se imaginar bem que d'esta vez não se dirigiu ao governo; estava

scaldado.

Em poucos mezes recebeu dos industriaes, que lhe compraram o direito de usar o seu invento, 27:000 libras esterlinas.

() governo recompensou-o então com o titulo de baronnete.

sua riqueza assumiu proporções extraordinarias.

Deveu outro opulento celebre, Josiah Mason, a sua enorme equeza ás pennas de aço. Mason, que nascera em 1795, comeara a sua vida em Londres, vendendo bolos nas ruas, com um ero insignificante. Um industriai, que achou a creança espere que se compadeceu da sua miseria, deu-lhe trabalho. Maul começou a occupar se da industria do ferro, e a mostrar as mas faculdades inventivas.

Um dia, o seu patrão, Harrison, que continuava a estimal-o e de em grande consideração, contou-lhe que o grande physico gles, o de Triseiles, also padendo, pala declinação vista

esterlinas. Mas trabalhando sempre, e melhorando e barateando as pennas de aço cada vez mais, chegou a montar uma fabrica, com 1:000 operarios, e a fabricar por semana 3 toneladas de

pennas de aço ou 4.500:000 pennas.

Acabou de o enriquecer doidamente a galvanoplastica. Não era d'elle a invenção que elle aproveitou, era de Elkington, mas foi elle que a tornou pratica. Elkington inventára o processo de doirar ou pratear objectos de arte, vasos, medalhas, estatuetas, etc. Mason applicou esse mesmo processo aos utensilios do uso commum, e juntamente com Elkington, a quem se associou, ganhou sommas fabulosas.

Josiak Mason era um homem extraordinariamente caridoso. Vivendo com a maxima modestia, empregava a maior parte dos seus milhões na fundação ou protecção de estabelecimentos de caridade. O testamento em que elle legou sommas collossaes a escolas, hospitaes, asylos, honra esse Créso, que era ao mesmo

tempo um homem de bem. Dizia elle:

«Quando eu era rapaz, ha já muito tempo, as nossas escolas eram raras e pobres. O que eu aprendi, aprendi-o só em Kidderminster, primeiro, a minha cidade natal, depois em Birmingham, a minha cidade adoptiva, onde decorreram sessenta annos da minha vida. Creança, tive que trabalhar em bastantes officios para ganhar a minha subsistencia. Vendi bolos nas ruas, depois fui moco de escriptorio, sapateiro, caixeiro, tecelão. Aos trinta annos a riqueza que eu possuia eram 20 libras esterlinas, penosamente economisadas. Digo-lhes isto para lembrar aos que me ouvem que nunca nos devemos cançar. Deus abençoou a minha obra; fez-me rico. E' natural e equitativo que eu consagre a maior parte d'essa riqueza, que eu lhe devo, a alcançar para os outros os meios de triumphar, de adquirir a instrucção que me faltou. Toda a minha vida desejei, ambicionei realisar este sonho. Queira o céu que a minha obra seja util e prospera e que, à falta de filhos que me recusou, me seja dado o contribuir para aplanar o caminho das gerações futuras.»

Josiah Mason foi feito baronnet como Bessemer, e baronnet foi tambem John Brown. Estes dois ultimos prestaram relevantissimos serviços a duas grandes cidades inglezas. Josiah Mason foi quem deu a Birmingham as suas fabricas de pennas de aço, Sheffield deve a John Brown as suas couraças de aço para os navios blindados. Foi essa a parte principal [da immensa

riqueza de John Brown.

E' já conhecido dos leitores portuguezes o que diz respeito ao Times. Sabe-se como elle fundou a sua collossal riqueza, como foi que á força de desenvolver o seu serviço de informações, o fundador do Times, Walter, chegou a crear essa verdadeira potencia jernalistica. Ha algumas especies, porém, que são menos conhecidas e que não deixam de ser interessantes. Conta-se por exemplo um facto, que é honroso para os proprietarios do Times. John Walter, filho do fundador, estava ganhando sommas fabulosas com os annuncios multiplicados, de companhias industriaes que por toda a parte se formavam, e que serviam sobretudo para illudir os incautos. Apesar de se expór a perder uma receita importante, John Walter emprehendeu uma séria campanha contra esses especuladores. Perdeu primeiro muito annuncio, mas esse acto conquistou-lhe tantas sympathias que o seu exito de venda quadruplicou.

Não é menos curiosa a historia da lucta entre o Times e os jornaes americanos. Tentaram estes sempre passar adiante dos seus collegas da Europa. O Courier, por exemplo, sustentava que dava mais leitura aos seus assignantes do que o Times. Este negou, nomeou se uma arbitragem pela qual se provou que um dado numero do Times tinha 720:768 letras, ao passo que o Courier so tinha 714:355. O Courier, para se vingar, levantou por tal forma o seu formato, que chegou a dar aos leitores

1.338:863 palavras em cada numero.

N'esse genero de extravagancias, a America foi ainda mais longe. No dia 4 de julho de 1859 publicava Jorge Roberts uni periodico secular, intitulado The illuminated quadruple constellation. Tem este jornal o formato de 400 pollegadas de comprido sobre 200 do largo, encerra a materia de 6 volumes in 8.º

E ....

A the second of the second of the second

não conseguiu desbancar o *New-York-Herald* de Nova-York, o *Ledger* de Philadelphia, o *Journal* de Boston e o *Delta* de Nova Orléans.

A' familia Walter succedeu na direcção do Times o sr. Delane. Hoje, o Times publica, além das suas innumeras correspondencias, os tres artigos chamados editoriaes, que nos chamariamos artigos de fundo, e que ordinariamente são pagos a dez libras cada um.

No telegrapho e no correio gasta o Times mais de 270 contos por anno. Os seus principaes correspondentes são Blowitz em Paris, que ganha 14.400\$000, Lowe em Berlim que recebe 11.700\$000, Simpson em S. Petersburgo, que recebe 9 contos, e o mesmo recebe o correspondente de Roma, recebendo o de Vienna tanto como o de Berlim. O correspondente de Madrid, Diaz, e o de Bruxellas, Lax, recebem 4.500\$000 cada um.

PINHEIRO CH GAS.

# ACONSOLADORA

(Catulle Mendés)

A cabeça pendida nas mãos, o corpo sacudido pelos soluços, elle estava assentado junto do leito onde ella ia morrer.

Os olhos da moribunda apagavam-se lentamente no rosto livido, onde a belleza não era mais do que uma sobrevivencia.

Alta, branca, fria, deitada de costas sobre os cabellos esparsos, ter-se-ia podido fazer da agonisante a estatua do tumulo de uma joven rainha.

Com a voz quasi a extinguir-se-lhe por entre o estertor, ella murmurou:

—Não soffras, meu amor! Para que choras? Se tu me perdes, também cu te deixo, e não choro. E' que eu sou uma pobre mulher ignorante, estranha á sciencia dos livros; sou christã, eis tudo. Sei que vou adormecer para acordar em breve; quando raiar o eterno dia, tu estarás junto de mim, como nas outras manhãs; mesmo antes de Deus, será a ti que eu hei de ver. Quero que partilhes esta fé pacificadora. Enxuga as lagrimas, sorri. Dá-me um beijo; restituir-t'o-hei amanhã.

Elle não respondeu; cravou os dentes no lençol e mordeu o

convulsivamente.

A moribunda proseguiu, com a voz cada vez mais fraca:

—Uma unica cousa poderia desesperar a minha alma e assaltal-a de crueis pezadelos, no rapido somno do tumulo: a idéa de que não te dei na terra a felicidade que merecias. Não me consolaria nunca, se te houvesse causado um só pesar. Falla, ó meu adorado, falla-me ainda uma vez, tu a quem nunca mais tornarei a ouvir na terra. E' certo que abençoaste os dias, desde a hora das minhas primeiras confissões, e que nunca fui para ti a origem de um tormento?

Elle ergueu a fronte e balbuciou, por entre uma onda de la-

grimas:

—Tu foste o encanto, a consolação, o amor! Tu pozeste na minha vida o paraizo em que acreditas. Não ha sorriso que eu não te deva e são estas angustias que me despedaçam, as unicas que de ti me vieram. As outras mulheres, mesmo as mais perfeitas, teem indifferenças, crueldades, caprichos; succede-lhes desviarem os olhos e o espirito d'aquelle que escolheram; os mais amados sentem-se muitas vezes sós. Eu, tive sempre em torno de mim, como que um ambiente acariciador, a tua ineffavel suavidade, a tua illimitada ternura! e não me recordo de ter desejado, desde que és minha mulher, um dia immediato differente do da vespera.

Mas uma sombra de tristeza obscureceu-lhe o rosto ao ou-

vil-o.

Ella bem sabia que lhe não diziam verdade inteira.

Uma tortura perturbára a sua felicidade!

Antes de pertencer-lhe, ella amara, creança ainda, outro homem; o novo esposo, pungido no meio de todos os jubilos pela martyrisante pertena da ter substituido no coração de sua mulher o logar que outro occupara, de não haver, primeiro do que ninguem, beliedo os seus labios adorados, nance se resi-

cundo em vãos tormentos; podem matar aquelle que lhe roubar a esposa; podem feril-a a ella; ha na satisfação do odio a compensação do desespero.

Mas contra o que a possuiu, a quem ella pertenceu pelo direito de prioridade,—mais tarde desapparecido, morto talvez, contra aquella que se deu outr'ora, sem infringir por esse facto

nenhum dever, que partido tomar?

E' o irremediavel, que ninguem vence; de que serve estrangular um transcunte, cjo nome, pronunciado de subito, nos faz estremecer, ou violar uma sepultura para mutilar um cadaver! O proprio Deus não poderia anniquilar o passado. A sombra do esposo ou do amante persegue-nos obstinadamente. As palavras que murmura a idolatrada, os beijos, que offerece, já as murmurou, já os offereceu, a quem? que importa? a alguem, a um rival mysterioso, sempre presente e sempre inaccessivel.

E' possivel que a embriaguez da posse afugente por instantes a sombra funesta; mas não esquecemos nanca que ella amou, antes de amar-nos, que experimentou por outro os mesmos desejos, as mesmas ternuras, que estremeceu de alegria, ao som de um passo que não era o nosso, que outros braços a estreitaram—e é essa a medonha, a horrivel, a incomparavel dor!

A dor que o perseguira sem cessar, — a moribunda bem o

sabia.

Viva, poderia distrail-o; — cural-o era impossivel —, distrail-o á força de sincera paixão e de illimitadas dedicações.

Mas quando ella já ali não estivesse para confortal-o com as suas caricias, provando-lhe pelo adoravel excesso do seu amor que nunca amára tanto, o passado, com todas as suas visões odiosas, surgiria de novo.

Não poderia evocar a lembrança da morta estremecida, sem

lhe juntar a recordação do-outro.

O seu ciume, não encontrando o menor dique, possuil-o-hia inteiramente, victoriosamente! e elle enviuvaria de tudo, excepto do desespero.

Emquanto ella meditava e elle chorava, alguem entrou.

Era o padre, que tinham mandado chamar. A agonisante persignou-se com mão tremula.

—Deixa-me por um instante, meu amor, supplicou ao ouvido do marido, preciso ficar só com Deus.

Elle ergueu-se.

—Mas não te afastes muito, peço-te. Quero que estejas perto de mim. Vae para aquelle quarto. Não feches a porta. Se eu me sentir peior, chamar-te-hei; quero sorrir-te antes de morrer.

Elle retirou-se, com a mão nos olhos, sem animo de olhar

para o padre.

—Meu padre, disse ella com voz tão imperceptivel que o confessor teve de enrvar-se para ouvil-a, se à lora das supremas confissões uma miseravel peccadora, perturbada por um interesse humano, mentisse ao Deus de caridade e de justiça, esse Deus seria implacavel para ella?

-De certo, minha filha, retorquiu o sacerdote.

Ella estremeceu na alvura dos lençoes—mortalha, que a cobriam.

—Não haveria no ceu compaixão nem misericordia para a infamia de uma tal mentira?

—Não ha perdão para similhante delicto, minha filha.

Ella empallideceu tanto, que o padre diligenciou abreviar a confissão, receioso de que a morte a interrompesse.

A agonisante fallou primeiro em segredo, expondo ligeiras

faltas da sua piedosa e immaculada existencia.

O confessor sorria, convicto da salvação d'essa alma purissima.

De repente, depois de relancear um olhar para a porta do quarto, que ficara entreaberta, a moribunda ergueu a cabeça

—Devo confessar-lhe, meu padre, um peccado antigo, que nunca levei ao tribunal da penitencia. Não amei o homem que foi meu esposo, antes d'aquelle que vou deixar viuvo. Era uma creança, quando me casaram; attraida, como todas as meninas, pela espectativa do hymeneu, acceitei, inconscientemente, o marido que me propunham, o desconhecido a quem liguei o meu destino, —mas não o amei—juro-o pelo Deus que me ouve —mas não o amei—juro-o pelo Deus que me ouve

invencive. Illudindo os mens deverse de esposa, fuer de lei



RAPHAEL CALVO

sal-o, não me arrependo. Sim, a esta hora em que vou comparecer na presença de Deus, experimento o immenso jubilo de me haver reservado para o verdadeiro esposo do meu corpo e da minha alma, para aquelle que na eternidade...

Não acabou. Interiçada, caiu sobre o travesseiro, batendo com os pés na tabua do leito. A benção do padre só encontrou

um cadaver.

Bruscamente, lançando um grito, o marido empurrou a

porta entreaberta e precipitou-se no quarto.

E agora, livido, desgrenhado, mas tendo nos olhos cheios de lagrimas o fulgor do extasis, elle contemplava a querida morta, que sorria, como que absorta em um sonho feliz.

GUIOMAR TORREZÃO.

#### MEMORIAS PRINCIPESCAS

Appareceram ha pouco, no estrangeiro, as Memorias do duque de Cobourge o Diario de Frederico III. Esta ultima publicação tem produzido um escandalo enorme na Allemanha, provocando, como é sabido, as coleras de Bismarck, do famoso chanceller, que vê no facto uma vindicta da Ingleza, sobriquet dado por elle, desdenhosamente, á viuva do martyr de San-Remo, á valorosa filha da rainha Victoria de Inglaterra.

As Memorias do duque de Cobourg e o Diario do imperador Frederico viram a luz ao mesmo tempo, e vieram provar-nos que soberanos e principes deram agora em ser jornalistas, commettendo indiscripções depois da sua morte. Se a mania péga e alastra entre as testas coroadas, o que nos restará a nós, que temos

por missão o escrever?

Que Napoleão I, exilado em Santa Helena, tenha querido reviver o passado, dictando as suas memorias, e mostrar á posteridade o que fizeram a sua gloria e a sua força, elle, que atravessou a Europa monarchica ou revolucionaria como um brilhante metéoro, isso explica-se. O Memorial de Santa Helena era devido á posteridade.

Mas os outros, Frederico III, o duque de Cobourg,

que precisão tinham elles de fallar de si?

Os extractos do *Diario* de Frederico III, publicados pelas folhas estrangeiras, contéem de certo notas muito interessantes sobre a guerra de 1870—1871, mas a par d'isso, quantos erros, quantas aprecia ções inexactas, baseadas em ridiculas historietas de soldados!

O grande Frederico também escrevia. Mas as suas notas tinhem muito mais valor, eram mais alevantadas; o mestre, o homem de guerra habil e energico, o phylosopho sceptico, o tino diplomata, revelam-se ali em cada linha. E aquelle, não es-

crevia para a posteridade.

Respeitamos o gosto que a rainha de Inglaterra revela pela arte de escrever. As suas piedosas recordações a respeito do principe Alberto, as suas impressões de viagem, o preito prestado pela soberana á fidelidade e á dedicação do seu servo leal, George Brown, tudo isso constitue uma bagagem litteraria, e não tem nada que ver com a politica. Não são memorias, no sentido exacto da palavra.

As memorias de principes e soberanos não faltam, comtudo. Temos as de Frederico II, as de Catharina II, as do margrave de Baireuth, irmão do grande Frederico. Mais longe, na historia, temos ainda as memorias da rainha de Navarra, irmã de Francisco I. Mas a familia de Napoleão I foi particularmente prodiga n'esse genero de escriptos, porque nos deu as memorias do

Na familia dos Bourbons, ha poucas. Entretanto, conhecemos algumas muito interessantes. As cartas de Henrique IV constituem uma série de pequenas preciosidades, sobre tudo as cartas de caracter intimo. Luiz XIII, o sombrio monarcha francez, foi um pouco jornalista, tendo redigido pelo seu proprio punho varias notas para a Gazeta de Théophraste Renaudot, e convivia com as musas, a exemplo de Carlos IX, compondo al-

Luiz XIV deixou uma porção de notas em que transparece o seu amid a Luie XV traton de questões politicas com uma exto de escriptor e de diplomata, a que o proprio Talleyrand prestava respeitosa homenagem.

Napoleão III publicou dois grossos volumes, e tambem quiz ser da Academia, como Daudet, mas nunca fez troça aos Immortaes.

O conde de Paris tem publicado obras muito notaveis, que revelam um espirito profundamente culto. O duque d'Aumale é

um escriptor militar notabilissimo.

Na Austria, o archiduque Rodolpho publicou as recordações da sua viagem ao Egypto e á Palestina, recordações mais de caçador que de historiador, de archeologo ou de peregrino. Um outro archiduque deu a lume um livro— Folhas rolantes d'Abazia, impressões d'um touriste.

Diz-se que o conde de Chambord escreveu, dia a dia, as suas impressões sobre os homens e sobre as coisas, e que manejava a penna como um mestre. Este Diario extraviou-se ou

foi destruido, não chegando a sair a lume.

A rainha Nathalia da Servia, a princeza Izabel da Roumania, e o duque de Valentinois, filho do principe de Monaco, também teem a mania das lettras.

De todas as familias reaes, a de Saboya é a mais sobria de palavras e de escriptos, o que não tem deixado de ser-lhe van-

tajoso.

A necessidade de escrever, como se ve, vae-se tornando universal. Os reis ganham com isso, porque se fazem conhecidos; mas pelo que respeita ás memorias propriamente ditas, achamos que lhes era bem melhor não as escreverem e deixarem-se julgar pela historia. Estas revelações posthumas não engrandecem a gloria dos soberanos e principes; pelo contrario, amesquinham-n'a muitas vezes.

CASTOR.

# LYDIA

1

Lydia era filha unica do mais poderoso rei da Asia.

Devem acreditar que nada lhe faltava que podesse contribuir para a felicidade de uma princeza. Habitava em um palacio de esmeralda cor de rosa, atravessado pelos luminosos raios do sol; os seus delicados pés nus, quando passava de uma camara para outra, languida e amparada por servas negras, enterravam-se em tapetes profundos, que a calçavam de caricias; e a toda a hora do dia, orchestras invisiveis tocavam arias, que poderiam deslumbrar os mais delicados ouvidos.

Possuia cofres feitos de uma só peça, cheios de toda a especie de diamantes, de todos os rubis e de todas as saphiras, com que sonha a apaixonada ambição de uma coquette; poder-se-hia adornar uma cidade inteira com aquellas pedrarias todas.

As suas toilettes eram em proporção das joias; via-se n'ellas a cassa de Sirinagor, as flexiveis las de Kachmyr, e as finas sedas de Cherbassy e Ispahan. Mas o que era, mais que tudo, proprio para conservar alegre o espirito da princeza, eram os maravilhosos jardins em volta do palacio. Jamais ali tinha cahido uma gota de agua do ceu eternamente azul; as flôres mais raras desabrochavam, magnificas e impetuosas, cheias de seiva, queimadas pelo estio, inclinando finalmente os seus calix que choravam balsamos; os animaes ferozes dos bosques e barrancos, leões, tigres, pantheras, eram meigos como gatos que miam de prazer, sob a mão que os afaga; e sobre as flores largamente abertas, sobre os animaes errantes ou indolentemente deitados na tibieza dos musgos e das hervas, resplandecia, com uma furiosa magnificencia, a luz do sol; tudo era ouro, as folhas, os calix, as pedras das ruas e as distancias abrazadas do horisonte.

11

Entretanto, a princeza não testemunhava estar satisfeita com tantos esplendores; surprehendiam-n'a abysmada em tristes pensamentos; era visivel que estava sempre aborrecida, pallida, semelhante a uma flor cor de rosa que se transforma em

Suppunham geralmente que ella tinha algum desejo mysi



SCENA DE FAMILIA

palavra: irei conquistar o reino de Golconda e o do Visapour, para que nunca te faltem braceletes de perolas nem collares de coral.

Mas desejarás casar? falla sem receio, dize o nome d'aquelle que teu coração elegeu; tomo o céu por testemunha de que o terás por esposo, embora fosse o herdeiro do mais glorioso soberano, ou o bastardo de um rachador, que liga os molhos de lenha, sibilando uma canção.

Não? não é o hymeneo que te preoccupa? Julgas talvez que o radioso ouro solar de que chammejam os teus jardins não tem brilho sufficiente nem assaz luminoso calor? Se tal é o teu pensamento, não m'o occultes, pois, a força de hecatombas e de templos edificados em honra dos deuses, conseguirei, para te ver sorrir, que augmentem o esplendor do seu brilho!...

-Sim, alguma cousa me falta, ha uma cousa que eu desejo. Mas o que è? não sei, oh! verdadeiramente não sei, morro

por um desejo, do qual ignoro o sentido. —0 que? dizia o rei, não sabes?...

—Não, suspirava ella, não tenho idéa precisa.

Depois, com os olhos vagos, com a voz lenta e longiqua de

alguem que falla, sonhando:

-Julgo sómente que é muito branca e pallida, a desconhecida cousa que eu desejo, a cousa mysteriosa cuja ausencia me desespera...

111

A conselho dos seus mais dedicados cortezãos, resolveu-se o rei a ir viajar com sua filha. Talvez ella encontrasse, em algum paiz proximo ou afastado, o que desejava com tão incerto e amargo desejo; em todo o caso, as surprezas, as aventuras das estradas, teriam com que distrahil'a, apagar-se-hia aquella melancolia.

Jamais se tinha visto uma caravana comparavel em magnificencia com aquella que formaram para a viagem da princeza! A' frente de um innumero bando de camellos, que levavam as provisões e bagagens, entre mais de mil criados vestidos de seda ou ricamente armados, alguns dos quaes tocavam hussers e cravos (instrumentos) para marcar o rhythmo da marcha, oito elephantes brancos, ensinados a avançar com passo egual, levavam um vasto estrado coberto de tapetes, e sobre este estrado movel elevava-se uma casa de varios pavimentos. Ao pé d'uma janella, com a fronte encostada aos vidros, a princeza via passar as cidades e as paizagens.

Por toda a parte, sob a eternidade do azul ardente, via ella as douradas mansões do sol, os oasis dourados, o infinito ouro

das areias, e o ouro vaporoso do horizente.

Por toda a parte o solo se abria como rasgado e mordido pe-

lo sol devastador!

Não era pena ter deixado os jardins do palacio, se ella devia encontrar, em todos os sitios, o esplendor implacavel do

perpetuo estio.

Quando a princeza abandonou a caravana para entrar em um navio, o sol não a deixou, ardente, furioso, fazendo luzir, como um ondeado ouro, a immensidade do mar e crepitar chispas sobre as vagas! A princeza estava cada vez mais mergulhada, sem esperança, no seu irremediavel aborrecimento.

IV

Armou-se uma tempestade. Apezar da habilidade do capitão e do zelo da equipagem, conservaram se entre o furor da agua e do vento, mais de uma semana.

Só a princeza não estava aterrada, apezar de, a todos os momentos, se esperar que o barco socobrasse em algum sorvedouro bruscamente aberto, porque custa pouco a morrer, áquelles que perderam a esperança na vida.

Finalmente, ao oitavo dia veio a bonança.

Em que paragem se achava o navio? O proprio capitão não podia precisamente dizel-o; era provavel que tivessem sido impellidos para o norte, porque uma claridade muito pallida, um phantasma, poder-se-hia ter dito, do sol morto, se levantou sobre as ondas e as empallideceu docemente.

A princeza contemplava aquella claridade fria e envolvia-se

lim dos marinheiros respondeu:

-E' a neve.

-Neve! neve! eras tu o que eu queria, disse ella, eras tu quem eu amava, minha irmā!

Então, embora tentassem desvial-a do seu designio, ordenou

que fundeassem.

Deu um salto para a margem pallida, e estendeu-se na neve, recebendo-a com as mãos abertas, beijando-a com os seus labios então frios.

Apoz um sobresalto, não mais se ergueu. Ficou deitada sobre a alvura, immovel, risonha, mais feliz que todos os vivos. Tinha expirado, ao beijar aquella neve, na delicia de um tremor.

Trad.

NAZARETH CHAGAS.

## AS NOSSAS GRAVURAS

CASTELLO DE S. JOÃO DA FOZ

O castello de S. João da Foz é o ponto onde o rio Douro, depois de regar extensos campos, termina o seu curso de 120 leguas e forma a barra da cidade do Porto.

Este castello representado na gravura que hoje publicamos, está edificado sobre rochas, no lado do norte, e defende pela

sua posição e inabalavel construcção a barra do Douro.

No tempo dos Filippes levantou-se ali um pequeno forte. junto a uma egreja e convento de benedictinos. Foi el-rei D. João IV quem den principio á fortaleza actual, que se concluiu em fins do reinado de D. Affonso VI.

O castello de S. João da Foz compõe-se de 4 baluartes e um revelim, e para o lado de terra cercavam-o profundos e largos fossos. Ha no meio d'elle uma egreja, de longa data, onde se mantém ainda o culto divino.

#### RAPHAEL CALVO

Falleceu no dia 4 de setembro ultimo, em Cadiz, este distinctissimo actor hespanhol, que tantos loiros conquistou pelo seu talento.

Raphael Calvo nascera em Sevilha, a 19 de março de 1844. Finou-se quando estava ainda no apogeu da sua fama, quando o moribundo theatro hespanhol mais precisava dos poderosos recursos das suas faculdades.

A morte do notabilissimo e illustrado actor, é uma perda para aquelle theatro, perda tanto mais irreparavel quanto Raphael Calvo era um dos poucos actores hespanhoes que luctam contra a desastrosa invasão d'essa misera litteratura moderna, corruptora do gosto e dos contumes, e que envidava todos os esforços e arcava com todos os sacrificios para sustentar o esplendor do scena dramatica do seu paiz.

O glorioso artista representou em quasi todas as peças de

Echegaray.

Nove dias antes de morrer, representava em Cadiz a monumental peça, Um drama novo, alcançando applausos estrepitosos. Estes applausos foram os ultimos que soaram aos seus ouvidos.

#### SCENA DE FAMILIA

L'enfant gâté, é o titulo do quadro, um quadro cheio de naturalidade e de vida. Nos chamamos-lhe simplesmente Scena de familia, e poucas scenas haverá, no interior do lar, que respirem mais doce poesia do que aquella: Uma creança formosissima e bemfazeja, repartindo com a sua cadellita, com o seu ai, Jesus, as sopas que a mãe lhe trouxe. A mãe do pequeno, acariciando o grupo com o seu olhar bom, onde se reflecte uma alma satisfeita, e com os seus sorrisos, em cada um dos quaes ha uma benção para o filho unico e estremecido.

Alegre coisa!

R' um quadro chejo de poesia e que revella a primeira via-

tons, denunciam logo a obra de um grande mestre, que se inspirou talvez n'essa bella estrophe de Espronceda:

> Es el amor que al mismo amor adora, El que creó las silfides y Ondinas, La sacra ninfa que bordando mora Debajo de las aguas cristalinas; Es el amor que recordando llora Las arboledas del Eden divinas, Amor de alli arrancado, alli nacido, Que busca en vano aqui su bien perdido.

#### JOSÉ VÁZQUEZ VARELA

(O supposto auctor do crime da rua Fuencarral, de Madrid)

N'um dos primeiros dias de julho ultimo, appareceu assassinada, e com o corpo em parte queimado, na sua casa n.º 109 da rua Fuencarral, em Madrid, uma senhora de 50 annos de edade, D. Luciana Bercino, que se intitulava marqueza de Varela. Tinha fortuna, que lhe garantia uma renda annual de 40.000 pesetas. Vivia só, com uma creada e com um cão. Seu filho, José Vazquez, um rapaz de 21 annos, estava prezo, por crime de furto, no Carcere Modelo. Além d'este crime, commettera outros, tendo chegado a ferir sua mãe, n'uma questão que com ella teve em tempo.

A creada de D. Luciano Bercina, Higinia Balaguer, entrara para o seu serviço em 26 de junho d'este anno. E' ainda nova e pouco sympathica. Antes de ir servir, vendia agua e aguar-

dente proximo do Carcere Modelo.

Perguntada sobre o crime commettido na pessoa da ama, lliginia nada soube dizer, nada declarou. Não vira entrar, nem sair ninguem.

Em casa, não appareceram vestigios de roubo. Joias, dinheiro e documentos importantes da assassinada, foi tudo encontrado, intacto, pelas authoridades.

O cadaver de D. Luciana apresentava tres grandes ferimentos, produzidos com faca, flois nas costas, e um no peito, que interessou o coração e determinou a morte instantaneamente. Além d'estes tres ferimentos, havia outros mais ligeiros nas pernas, braços e peito.

Tudo leva a crêr que o assassino de D. Luciana Bercino foi seu proprio filho, José Vázquez, tendo-se este escapado do Carcere Modelo para commetter o crime, e voltado para lá ontra vez.

A creada Higinia, acha-se preza e parece que teve conni-

vencia no mysterioso assassinio.

O processo Vázquez Varela, que contém já umas poucas de mil paginas, tem dado causa á denuncia de muitos jornaes de Madrid, á captura de muitos jornalistas e de grande numero de outros individuos, e, ultimamente, á demissão do presidente do Supremo Tribunal de Justiça, sr. Montero Rios.

O director do Carcere Modelo, sr. Millan Astray, acha-se implicado na perpetração do crime, tendo já sido demittido,

prezo e entregue aos tribunaes.

A causa prosegue no maior segredo, sendo parte n'ella alguns jornaes importantes de Hespanha.

# D. PEDRO E D. MIGUEL

O VENCEDOR E O VENCIDO

A batalha d'Asseiceira, dada em 16 de maio de 1834, decidiu da sorte de D. Miguel e acubou d'uma vez para sempre com

tarem e Abrantes, e, evacuando toda a Estremadura, marchou para o Alemtejo, em cuja capital D. Miguel se havia acolhido no dia 21 de maio, encontrando ahi já seu tio, o infante D. Carlos de Hespanha.

A guerra havia chegado ao seu termo. O exercito miguelista, depois de tantos e tão repetidos revezes, cheio de privações de todo o genero, estava desmoralisado e perdido.

Em cada commandante descortinava um traidor; em cada

acção um massacre de vidas e nada mais.

Além d'isso, Evora não era Santarem; ali era mil vezes mais facil o ataque e dez mil vezes mais difficil a defeza; e para cumulo da desgraça de D. Miguel, o tratado da quadrupla alliança que o o expulsava a elle e a D. Carlos da l'eninsula, acabava de ser ratificado. Mas apesar do desanimo geral, a ideia de tentar a sorte d'uma batalha junto aos muros d'Evora, ainda passou pela mente de alguns generaes miguelistas.

Mas na verdade era completamente impossivel realisar um tal plano; o exercito miguelista havia por tal forma perdido a força moral, que uma tal batalha não seria mais do que o sacri-

ficio inutil de algumas centenas de vidas.

Em Elvas tremulava ainda, é verdade, a bandeira miguelista, mas para se realisar a juncção das forças d'Evora com as que lá se achavam, era necessario bater primeiro a divisão do duque da Terceira, que sem duvida lhes iria embaraçar a passagem.

A este tempo, uma divisão de 9:000 homens, commandada pelo duque da Terceira, atravessou o Tejo em Santarem e marchou em direcção a Estremoz, e uma outra divisão quasi que do mesmo numero de praças, commandada pelo conde de Saldanha, atravessou aquelle mesmo rio no dia 21 de maio e seguiu a estrada de Arrayolos, sobre Evora Monte. Duas divisões do exercito hespanhol, commandadas pelos generaes Rodil e Serrano, pisavam também já o territorio portuguez.

Era portanto muitissimo critica a situação do exercito miguelista, mas ainda assim não se podia considerar desesperada, pois contava mais de 16:000 homens de infanteria, 1:400 de

cavallaria e 35 pegas de artilheria de campanha.

O brigadeiro Luiz Bourmont propoz então a D. Miguel o atacar isoladamente e de improviso uma das divisões constitucionaes, com oito mil homens escolhidos em todos os corpos do seu exercito. Era temeraria a empresa, mas talvez exequivel, se não fosse a falta absoluta de soldados disciplinados e aguerridos para a levarem a effeito. Parece que D. Miguel affagava a idéa de Bourmont, mas vendo que ella era recebida friamente pela maior parte dos seus generaes, deu ordem para formar um conselho militar, afim de se tomar uma resolução a tal respeito. Este conselho foi importante pelo numero e qualidade de pessoas que a elle assistiram. Presidiu D. Miguel e tomaram parte, além do infante D. Carlos de Hespanha, o conde de S. Lourenço, ministro da guerra; Francisco José Vieira, ministro dos estrangeiros; Antonio José Guião, ministro do reino e da fazenda; ajudante general João Galvão Mexia de Sousa; José Antonio d'Azevedo e Lemos, commandante em chefe do exercito; o conde de Almer, governador do Alemtejo; Joaquim Severino Gomes, intendente do exercito; Antonio Joaquim Guedes de Oliveira, marechal de campo; Bernardino Coelho Soares de Moura, Ricardo Antonio Paulo Soares e Paulo Mauryti, brigadeiros; Luiz Guilherme Coelho, brigadeiro e commandante de artilheria; Joaqaim José Maria de Oliveira, brigadeiro graduado e commandante de cavallaria; os coroneis de infanteria Luiz de Figueirdo de Araujo e Castro, commandante de caçadores n.º 10; Porfirio da Silva Sarmento, commandante de infanteria nº 7; José Joaquim Frageso, commandante de infanteria n.º 24; João Rodrigues Magalhães, commandante de caçadores n.º 2; Isidoro Herculano Curvo Semedo, commandante de infanteria n.º 5; Fernando José de Gouvéa, commandante de infanteria n.º 22; e José Henrique Bustorf, commandante de infanteria n º 20.

O conselho, discutindo o plano que lhe havia sido apresentado, regeitou-o quasi que por unanimidade, fundando-se não só na
difficuldade da sua realisação vantajosa, como, tambem, porque
mesmo bem succedido que fosse, a causa, que todos defendiam,
nada ganharia. N'este mesmo conselho, que teve tres sessões successivas, apresentaram-se ainda mais dois alvitres, que por maioria foram spuelmente regeltados, e crem, de se sucpla retirada sobre o Algarve, em cujas serrantas a guerra tinda



ONDINA

Coelho, commandante de artilheria e o coronel de infanteria n.º 22, Fernaudo José de Gouvêa.

Em virtude das deliberações tomadas n'este conselho, foi o general Lemos encarregado de propôr aos dois marechaes, Saldanha e Terceira, uma suspensão d'armas como preambulo de

outras negociações.

Como parlamentario, partiu, no dia 23 de maio, ao encontro de Saldanha em Montemor-o-Novo, o marechal Antonio Joaquim Guedes de Oliveira. Era portador d'uma carta do general Lemos, propondo-lhe aquella suspensão e que no caso de ser acceite detivesse a sua marcha. Saldanha acceitou de prompto a suspensão, mas só por quarenta e oito horas. O duque da Terceira, a quem foi feita identica communicação, recusou-se a entrar em qualquer negociação em quanto não estabelecesse o seu quartel general em Estremoz. Os dois marechaes haviam recebido instrucções determinantes do governo para proseguir as suas operações até que pela força obrigassem o exercito miguelista a depor as armas. Por isso mal andou Saldanha em conceder tal suspensão, e este seu procedimento incorreu no desagrado do governo e do duque de Bragança, como logo lh'o fizeram saber pelo capitão Jervis, que elle mandára a Lisboa communicar o pedido de armisticio. No dia 25 de maio officiou Saldanha ao general Lemos, dizendo-lhe que, em virtude das communicações que acabava de receber, não podia prolongar o praso do armisticio, como elle, Lemos, lhe propunha, e que dissesse até ao dia seguinte se acceitava ou não as condições que lhe remettia. Estas condições eram os artigos da Concessão, que foi assignada em Evora Monte.

Lemos, respondeu affirmativamente no dia seguinte, 26 de maio, e à noite veiu a Evora-Monte, ter uma entrevista com os dois marechaes, e por essa occasião foi assignada pelos tres a chamada Concessão d'Evora-Monte e que por assás conhecida não transcrevemos aqui. N'aquelle documento consignou-se à amnistia geral concedida pelo duque de Bragança e garantiu-se uma pensão annual de 60:000\$000 réis a D. Miguel, e bem assim o sair livremente de Portugal. Para esta saida foi-lhe fixado o praso de quinze dias, deixando-se à sua escolha o porto de em-

barque e o navio em que tinha de se transportar.

Nas instrucções que o ministro da guerra, Agostinho José Freire, enviou, em 24-de maio, aos marchaes Terceira e Saldanha, dizia-se que D. Miguel devia seguir a estrada de Aldeia Gallega e ahi embarcar. Como, porém, nas Concessões d'Evora Monte, se dispunha: «Poderá embarcar em um navio de guerra de qualquer das Potencias alliadas pelo Tratado de Londres, de 22 d'abril d'este anno, o qual se lhe promptificará no porto que lhe aprouver», o general Lemos informou Saldanha, em 26 de maio, de que D. Miguel escolhia para seu embarque Sines ou outro qualquer porto do Algarve e um navio inglez para o

transportar.

No dia 27 de maio era publicada em Evora a concessão assignada na vespera em Evora-Monte; e pouco depois, afixada nas esquinas e profusamente distribuida, uma proclamação de D. Miguel ao seu exercito, a quem fazia os mais levantados elogios pelo valor que sempre havia mostrado e extrema fidelidade e muito affecto que sempre guardára para com a sua pessoa; demonstrava que era inutil o derramamento de mais sangue portuguez, pois era impossível a resistencia depois do tratado da quadrupla alliança, e recommendava a todos a maior tranquillidade possível, fazendo por ella responsaveis os chefes e os officiaes de todas as classes.

Foi enorme o desgosto que se apossou de todos os officiaes e soldados, ao terem conhecimente da concessão; muitos d'elles arrancavam as barbas e despedaçavam as espadas e as armas de encontro às esquinas. As maiores imprecações saiam de todos os labios, lagrimas de raiva bailavam em muitos olhos e a palavra traição repetia-se de momento a momento. Um dos chefes que os soldados mais accusavam, era o general João Galvão. D. Miguel, esse aparecia de quando em quando às janellas do Paço Archiepiscopal, e os soldados, vendo-o, levantavam-lhe vivas, que eram por assim dizer o cantochão do funeral.

No mesmo dia 27 se espalhou em Lisboa a noticia de que havia sido assignada a concessão e concedida amnistia aos vencidos. Esta pova, que so devia produzir preser, pois punha se essia termo a secta fretancia, que la magnanimidade do vonvidas, fei recebida com desposto, e a magnanimidade do vond'ellas se imaginava poder derrubar o ministerio, ellas foram partilhadas por muitos homens que deviam ser os primeiros a repellil-as e que, infelizmente, não foram dos ultimos a aconselhal-as. Na noite de 27, o duque de Bragança, acompanhado da rainha e de sua esposa, foi assistir a um espectaculo em S. Carlos, e logo em seguida á sua entrada no theatro, era distribuida profusamente a seguinte proclamação:—Lisbonenses: Um principe ambicioso, arrojado dos seus estados pela indignação publica, veio acolher-se a nós; e nas mãos ainda tinctas com o sangue da liberdade, que assassinou no Novo Mundo, ousou tomar a espada em defeza d'ella. Acabando de vender a nossa patria com Tratados iniquos, teve o despejo de se fazer capitão dos que se votaram ao serviçod ella.

Hypocrita!

Por sua louca presumpção, por sua altivez, teve às bordas do precipicio a Causa da Liberdade; salvaram-na os incriveis esforços do valor e do patriotismo orgulhoso! Agora, quer o maior na gloria da Empresa.

O sangue Portuguez trocou-lhe a obscuridade por fama, a

execração por estima, o aviltamento por gloria.

Ingrato! Eis o pago que nos da.

Ostentando sempre uma conducta astuciosa, inventou crimes, assacou calumnias, desfigurou factos, arruinou creditos, para enganar os incautos, e segurar-se no mando.

Infame! Como mostrou o seu caracter doble!

Apostolo da severidade, inimigo de pactos, fulminando anathemas contra quem fallava em pactuar, hoje pactua sem tino, perdoa sem dignidade, calca aos pés os louros que lhe ganhámos, tomando depois de cem victorias a humilhação do vencencido.

Lisbonenses!

N'este momento joga-se a nossa sorte. Não queiraes que um instante de indecisão bote a perder a obra de tanto sangue, de tanto valor e tanto sacrificio. Os nossos guerreiros, occupados de todo em desfazer os inimigos armados da Liberdade, contam que nós seremos zelozos guardas de seu sagrado fogo: vamos contra quem o quer apagar!!!

Olhae que temos em nossas mãos o venerando deposito da gloria, das esposas, das fortunas dos nossos heroes, e é esse venerando deposito, com tudo o que hade mais sagrado, que nos querem roubar, para o vender por ambições e infamias.

Sejamos tão decididos e corajosos cicadãos no Foro, como

elles tem sido bons soldados no Campo.

Façamos o ultimo e mais honroso esforco pela salvação da patria.»

Este chuveiro d'injurias parece que soi forjado e saiu d'um chamado Club provinciano, que pouco antes se formara em Lisboa, e cujo sim principal era a queda do gabinete.

Não tardou que se manifestasse enorme tumulto na platéa e que gritos de morra o tyranno, abaixo os ministros se fizessem ouvir tempestuosamente em toda a sala, e em breve se repetissem nos corredores das frisas. Na primeira d'esta do lado esquerdo e contigua ao camarote onde estava D. Pedro, reuniram-se logo muitos individuos, que principiaram a apostrophal-o valentemente sobre a conservação do ministerio. D. Pedro, então, nã podendo mais conter-se, abeirou-se do varandim do camarote, e em voz que se ouvio em toda a sala, exclamou:— "Fóra, caralha!"—Estas palavras exasperaram os espiritos já muitos exaltados, e o tumulto tomou proporções assustadoras; sobre o camarote real choveram patacos; a vida de D. Pedro, emfim, chegou a correr algum risco.

Dois ajudantes de ordens de D. Pedro, o general commandante da divisão, e o secretario da perfeitura, Pimenta, appareceram na sala procurando serenar o tumulto, mas foram não só insultados pelo publico mas até desobedecidos pela tropa que se recusou o carregar as armas e bem assim a prender alguns individuos. Serenado um pouco o tumulto, D. Pedro, acompanhado da rainha e da duqueza de Bragança, saiu a custo do theatro, e mettendo-se na sua carruagem, partiu a toda a brida para a Ajuda, no meio dos insultos do povo, que se agglomerava a porta.

Taes foram os louros concedidos ao Libertador.

De problema co'a leitura; Tudo ao menino Antoninho, --- Um perfeito diabinho,--Pede uma caricatura.

Da alegre rapaziada Provoca elle a gargalhada Descuhando algum ratão; Tudo salta de contente Quando o Antonio está na frente Da pedra, de giz na mão. 2

Em uma d'estas sessoes, Dadas pelos maganões, O nosso desenhador Tracen com facilidade. E rara felicidade, O perfil do professor.

Vendo um croquis tão conforme, Desde a calva ao beque enorme, Por todos foi applaudido; Vivas e hurrahs, retumbaram, Todos, todos o abraçaram Entre um enorme ruido. 3

Mas de repente, acontece Que á porta o mestre apparece; Vendo o grotesco retrato, Pergunta, ardendo em furor, A todos, quem foi o anctor, Que quer castigar o ingrato!

Vendo que ha troça á sucapa E que ao auctor se faz capa, Julgando já em perigo O respeito a si devido, N'um momento, enraivecido. Manda a todos dar castigo.

MATHEUS JUNIOR.

Em alameda frondosa, Vicejava linda flôr, Tão galante, tão mimosa, Com tão penetrante odôr,-2

Que uma joven mui formosa, Logo alli a cubiçou, E colhen a desditosa. Que em breve tempo murchon. 2

Olvidou esta maldosa Que o destino da mulher E' ser sempre caridosa, Bemfazeja até morrer,

E' doce a mulher preferida - 2-2. Em publico no convento é virgem-1-2. No cenaculo joga-se e come-se--1--2.

Faro.

M. CAROLINA CRISPIN.

#### Decifrações

I) A CHARADA: - Laço. DA CARTA ENIGNATICA: — A Isaura não morreu.

Falla se de politica n'uma listica d'aideia.

Na Boa Hora:

-- Accusado, diga-me em que circumstancias praticou o crime.

- Eu, sr. juiz? Em circumstancias attenuantes.

—João, olha que has de accordar-me amanhã às quatro horas, ouviste?

-Sim, meu senhor, mas será bom que V. Ex.\* toque a campainha, porque cu tenho o somno muito pesado.

### UM CONSELHO POR SEMINA

Quantas pessoas se não desesperam, por verem os sobrados de suas casas, muitas vezes novos, cheios de nodoas do oleo das tintas com que os pintores procederam ás pinturas, sendo obrigadas a mandar aplainar esses sobrados, o que nem sempre produz o effeito desejado?

Pois ha um meio bem simples e sempre de bom exito para

tirar essas nodoas.

Esfrega se fortemente o logar da nodoa d'oleo, com sabão, e em seguida com espirito de vinho, se ella é fresca, e depois lava-se com agua a ferver e passa-se muito bem com uma esponja.

Se, por acaso, as nodoas são antigas, ponham n'ellas greda amassada com vinagre e lavem-n'as seis horas depois, pelo

processo que acima indicamos.

#### MORTA

Rlsos sem cor-eternos mentirosos -Abandonae meus labios desbotados! Eu quero ter suspiros desgraçados, Tristezas mil e prantos assombrosos.

E vós, ermos cyprestes desditosos, Parias da vida e negros malfadados. Contac-me esses gemidos abafados Que vos arranea a brisa, tão saudosos!

En quero o vosso exilio, os vossos ais. Viver n'esses desertos sepulchraes, No silencio da noite, e achar um bem :

-- O desafogo ás minhas desventuras, Chorar per entre as frias sepulturas E recordar-me só de minha mãe!

M. LUIZ DOS SANTOS.

# O CHARUTO, O CIGARRO E O CACHIMBO

Poucas pessoas se terão dado ao incommodo de pensarem sobre a importancia que, socialmente fallando, teem o charuto, o cigarro e o cachimbo, afinal todos elles destinados a um mesmo fim-fumar.

Cada um d'elles tem os seus amadores especiaes e convictos, distinctos entre as diversas classes e n'ellas profundamen-

te enraizados.

O charuto é, sem contestação alguma, o aristocrata do ta-

baco de fumo.

O politico, o artista, o diplomata, o litterato e o ricaço que se prezam, todos se permittem o prazer de gastarem bellos cha-

The Late of the Color of the Co

dão ao prazer de tomar uma chavena de café em sua companhia. Não ha também como um bom charuto para nos servir de companhia ás nossas fantasias, apoz um primoroso jantar.

As volutas azuladas do seu aromatico fumo são como uçui kaleidoscopo risonho, atravez o qual descobrimos as mais 'agueiras imagens e as mais vaporosas scenographias. A's espiraes do fumo do nosso charuto confia-se sem receio todas as nossas desditas ou venturas, todas as nossas ambições e segredos, sem o risco de sermos trahidos.

Quantas vezes, atravez o tenue vaporsinho dos pequeninos circulos de fumo que se elevam lentamente, alongando-se no espaço, partindo-se, e separando-se por fim, não antevemos o

perfil elegante e tentador da mulher amada?

Quantas vezes elle, durante longas horas, nos não acompanha na espera sempre insoffrivel de uma entrevista de amor?

() charuto é, no desespero e na alegria, o nosso amigo e companheiro inseparavel, e sempre bem acceite e recebido.

Como tudo quanto existe, o

charuto acanalhou-se.

Falsificaram-n'o, empulharam-n'o e reduziram n'o até uma réles torcida do custo de dez réis. feita de folhas de couve e que nem para accender candiciros serve.

O janota pelintra e o pelintra janota, o namorado saloio, o impedido do tenente, que namora creadas de servir, o tendeiro que ao domingo vae para as hortas jogar o chinquilho com os amigos, o sapateiro de idéas avançadas e ortographia impossivel, o caixeiro de loja de modas e o moço de fretes com libras empilhadas ao canto da arca, todos, uma vez por semana, aos domingos, se permittem o luxo de um charuto de vintem, vinte vezes accezo e comprimido entre os dentes, até

que as infiltrações salivosas o reduzam a classe de um tubo de

borracha, do mais infame sabor.

Em dias de casamento, de baptisado, de annos, ou de enterro, é muito raro que os convidados não offereçam, entre si, o deshonesto charutínho de vintem.

Fugindo porém d'estes charutos insultuosos, para só apreciar o verdadeiro, o genuino, o puro charuto na perfumada essencia do seu ser, diremos que elle é um dos mais bellos superfluos dos homens de gosto e de distincção.

Abaixo do charuto apparece-nos o cigarro na mais trivial

acepção e acceitação da sua existencia.

O cigarro tem, não o negamos, bastantes adeptos entre as mais elevadas classes sociaes, mas ninguem o sabe fumar e fazer como uns certos e determinados individuos.

Por exemplo:

O cigarro á lavradora, do vendedor de gados, cigarro colossal, apertado com a folha de uma navalha entre as dobras de uma mortalha que bem podia servir para executar o mister que o seu nome indica, grosso e forte como um cajado, que ao accender ruboresce como um tigão, e leva meia hora a consumir, esse cigarro nodoso, cyclopico e prodigo, não encontra rival entre os seus congeneres.

Temos o cigarro do faia, mal embrulhado, torto, e amachucado como a alma de quem o fuma, pouco tabaco e mau, pendente do canto do labio inferior, com o recheio ardido, a cinza cahida e um enorme pedaço de papel semi-carbonisado a reflectir clares vermelhos cada vez que, entre as cantigas do fado e os gemidos dolentes da guitarra, o cantador aspira uma famaça.

O cigarro 6 o spendie des saleites arrente. 

Com o primeiro alvorecer do amor evolam-se os primeiros fumos do cigarro.

O operario modesto, fuma, por via de regra, os seus cigarros methodicamente distribuidos, apoz as refeições, á sésta e á noite antes de deitar. A maioria das classes populares fumam cigarros, e alguns curiosos ha que preparam o tabaco e fabricam os cigarros com um esmero, aceio e perfeição inexcediveis.

Um cigarro assim preparado, é magnifico; mas, em contraposição, o reles cigarro de seis dez réis, fabricado com papel infame e tabaco problematico, symbolisa tudo quanto de mais nojento e repulsivo póde absorver o paladar e o olfacto humano.

() cigarro descendo ao diminuitivo de cigarrilha, conseguiu chegar até esses labios tentadores, rubidos, augelicos, delicados,

sensuaes e estonteantes de timidas donzellas, a cuja apparição nos nasce n'alma um mundo de madrigães e de idyllios.

E não ha nada mais encantador do que ver uma gentil manola de olhos negros e profundos, como um infinito de caricias, aspirando com voluptuosa delicia o subtil fumo do seu petillo.

Chegamos por ultimo ao cachimbo, o classico cachimbo dos marinheiros, dos allemães, dos havaros, dos turcos, dos sabios e dos pensadores.

() homem reflexivo, grave e melancholico, fuma, de ordina rio, cachimbo.

O allemão, quer em casa apoz a sua chorcutte e a sua cerveja, quer em passseio pelas margens dos rios, ou nas alamedas retiradas e sombrias, jamais abandona o seu cachimbo de porcellana, de enorme tubo de cerejeira.

O turco, nas eternas horas da sua somnolencia classica, não larga o pipo do cachimbo collocado sobre o tapete de Smyrna, e onde se queima um tabaco fino e amarellado como fios de ovos.

Recostado á proa do seu navio, cortando veloz as aguas do oceano, o marinheiro não cessa de aspirar os olores do tabaco fortissimo, que se queima lentamente no seu enorme cachimbo de gesso ou de raiz.

lla cachimbos de marinheiros, verdadeiras tradições de familia, que teem passado de paes a filhos, negros, calcinados, partidos, remendados, quasi impossiveis, atravez gerações inteiras.

E' sem duvida o cachimbo a verdadeira forma de fumar, porquanto os detritos resultantes da salivação e materias impuras ficam adherentes às paredes d'aquelle; comtudo, nem elle, nem o cigarro apresentam o tom chic, distincto, elegante e nobre de um brera celyndrado, consumido pelos labios de um gentleman, que o sabe accender e fumar com verdadeira arte e distincção.

Em geral, o fleugmatico fuma charuto, o sanguineo, cigarro, e o meditativo, cachimbo.

Explica-se assim o motivo porque os homens do mar, melancholicos pela sua forçada convivencia com os elementos e contemplação da natureza magestosa e imponente, fumam todos, de ordinario, cachimbo.

O cachimbo e grave, o charuto distincto e o cigarro alegre. Teem-se fumado muitos bons charutos discutindo-se os destinos da Europa; muitos cigarros no meio de rasgadas pandegas; e só o cachimbo se conserva sorumbatico e triste ante o rugir da tormenta ou no gabinete silencioso do sabio, do phylosopho e do pensador.

Como, porem, toda a regra tem excepção, od estou eu, que la

A STATE OF THE STA



JOSÉ VÁZQUEZ VARELLA O supposto auctor do crime da rua Furncarral, de Madrid)